

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



Atena
Editora
Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: minorias, práticas e inclusão 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão 2 / Organizadores
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-034-3

DOI 10.22533/at.ed.343211805

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ENSINO HÍBRIDO: *PODCAST* COMO INSTRUMENTO AUXILIATÓRIO DE PREPARAÇÃO PARA O ENEM

Lucas Antonio Xavier
Bruna Carraro de Oliveira
Chirlei de Fátima Rodrigues
Ruanna Bourguignon Gava Ribeiro
Luzinete Louzada Bianchi Kahowec
Simone Vieira Sant'Anna Fardim
José Izaias Moreira Scherrer Neto
Luciano Carneiro Cardozo
Unir Andrade Rabelo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3432118051

CAPÍTULO 2..... 15

A AVALIAÇÃO DE ALUNOS SURDOS EM ESCOLAS COMUNS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Zanado Pavão Sousa Mesquita
Marcella Arraes Castelo Branco
Elenice de Alencar Silva

DOI 10.22533/at.ed.3432118052

CAPÍTULO 3..... 28

A DIFERENÇA COMO CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Felipe Miranda Zanetti

DOI 10.22533/at.ed.3432118053

CAPÍTULO 4..... 40

A EDUCAÇÃO BÁSICA ENQUANTO DIREITO SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO A PARTIR DAS LDBENs BRASILEIRAS

Miguel Rodrigues Netto

DOI 10.22533/at.ed.3432118054

CAPÍTULO 5..... 54

A DANÇA COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Ana Carolina Nascimento Lira
Roseli Fernandes Lins Caldas

DOI 10.22533/at.ed.3432118055

CAPÍTULO 6..... 65

A EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS NAS MINAS COLONIAIS: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS CONFORME O SEXO DOS TUTORES E TUTELADOS

Leandro Silva de Paula

DOI 10.22533/at.ed.3432118056

CAPÍTULO 7	78
A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR	
Janaina Ribeiro Pireda Teixeira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.3432118057	
CAPÍTULO 8	90
A LINGUAGEM ADAPTATIVA: ROMPENDO BARREIRAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO	
Antonia Diniz	
Valdirene Nascimento da Silva Oliveira	
César Gomes de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.3432118058	
CAPÍTULO 9	101
A NOVA RACIONALIDADE TÉCNICA DO TRABALHO DO PEDAGOGO NA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ: POSSIBILIDADES E LIMITES	
Clarice Schneider Linhares	
Laurete Maria Ruaro	
DOI 10.22533/at.ed.3432118059	
CAPÍTULO 10	112
A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Rodrigo Parras	
Elaine Cristina da Silva Zanesco	
Márcia Aparecida Amador Mascia	
DOI 10.22533/at.ed.34321180510	
CAPÍTULO 11	125
A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL ACERCA DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Mirna Cristina Silva Pacheco	
Cristina Maria Carvalho Delou	
Ediclea Mascarenhas Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.34321180511	
CAPÍTULO 12	133
A SUBSTANCIALIDADE DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E TRANSGRESSÃO DA LGBTFOBIA	
Glauber Carvalho da Silva	
Letícia da Silva Paz	
DOI 10.22533/at.ed.34321180512	
CAPÍTULO 13	144
ADVOCACY, COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA SOBRE A TUBERCULOSE	
Raimunda Hermelinda Maia Macena	
Liandro da Cruz Lindner	
Carla Patrícia Almeida	

José Carlos Veloso Pereira da Silva
Antonio Ernandes Marques da Costa
Neide Gravato da Silva
Giselle Raquel Israel
Ezio Távora dos Santos Filho

DOI 10.22533/at.ed.34321180513

CAPÍTULO 14..... 156

A POLÍTICA PÚBLICA DO SISTEMA DE PROTEÇÃO ESCOLAR DA SEE/SP: ANÁLISE DO CASO DA DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO DE TAQUARITINGA

Paulo Cesar Cedran
Chelsea Maria de Campos Martins

DOI 10.22533/at.ed.34321180514

CAPÍTULO 15..... 166

AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PARCERIA DOCENTE x DISCENTE

Elizabeth R. O. Pereira
Edicléa Mascarenhas Fernandes
Franklin José Pereira
Nathalia R. O. Habib Pereira
Victor R. O. Habib Pereira

DOI 10.22533/at.ed.34321180515

CAPÍTULO 16..... 177

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Aparecida de Oliveira Lage
Urbano da Silva Batista
Leidiane Chaves da Cruz
Valdeis Correa Baiense
Lúbia Mara Carvalho Costa Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.34321180516

CAPÍTULO 17..... 190

AVALIAÇÃO ESCOLAR PARA ALUNOS ESPECIAIS: IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS PEDAGÓGICOS

Anelise Kologeski

DOI 10.22533/at.ed.34321180517

CAPÍTULO 18..... 204

DESAFIOS E LIMITAÇÕES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESTABELECIMENTO PRISIONAL

Maria do Carmo Soares de Almeida
Susana Henriques

DOI 10.22533/at.ed.34321180518

CAPÍTULO 19.....	214
CONFEÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS SOBRE PROPRIEDADES ESPECÍFICAS DA MATÉRIA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Aires da Conceição Silva	
Ana Paula Bernardo dos Santos	
Ana Paula Sodré da Silva Estevão	
Anne Caroline da Silva Rocha	
Matheus Silva de Oliveira	
Thamiris Pereira Cid	
Vanessa de Souza Nogueira Penco	
DOI 10.22533/at.ed.34321180519	
CAPÍTULO 20.....	233
DESIGUALDADES EDUCACIONAIS E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA	
Gilca Janiele Pereira da Silva	
Mirian Nunes de Carvalho Nunes	
Tyla Mendes Ricci	
DOI 10.22533/at.ed.34321180520	
CAPÍTULO 21.....	244
DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E VIGOTSKI: A MEDIAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ESTUDANTE COM SÍNDROME DE ASPERGER	
Rochele Karine Marques Garibaldi	
Gabriella Carvalho Motta	
Lavine Rocha Cardoso Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.34321180521	
CAPÍTULO 22.....	260
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS COMO ALTERNATIVA À DOCTRINA DO CHOQUE	
Geziela Iensue	
Gabrielly Carvalho Alves	
Karoline Santana	
DOI 10.22533/at.ed.34321180522	
CAPÍTULO 23.....	273
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Karina Edilaini da Silva Barros	
DOI 10.22533/at.ed.34321180523	
CAPÍTULO 24.....	280
A "EX-POSIÇÃO" NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: A COOPERAÇÃO COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	
Nathalia Castro dos Santos	
Edmar Reis Thiengo	
DOI 10.22533/at.ed.34321180524	

CAPÍTULO 25	301
INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: OS DESAFIOS DESSA PRÁTICA	
Rosangela Teles Carminati Soares	
Andreia Nakamura Bondezan	
Eliane Pinto de Góes	
DOI 10.22533/at.ed.34321180525	
CAPÍTULO 26	314
INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM SÍNDROME DE <i>DOWN</i> : DESAFIOS, AVANÇOS E LEGISLAÇÃO	
Marli Ferreira de Carvalho Damasceno	
Raqueline Castro de Sousa Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.34321180526	
CAPÍTULO 27	328
E VIVERAM FELIZES MATEMATICANDO COM O AUXÍLIO DO <i>MOUSEKEY</i> PARA SEMPRE...	
Leonice Elci Rehfeld Nuglisch	
Deise Maria Kaszewski Meneguello	
DOI 10.22533/at.ed.34321180527	
SOBRE OS ORGANIZADORES	334
ÍNDICE REMISSIVO	335

CAPÍTULO 3

A DIFERENÇA COMO CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Data de aceite: 01/05/2021

Data de submissão: 26/01/2021

Felipe Miranda Zanetti

Catanduva-SP

<http://lattes.cnpq.br/8943536251885476>

<https://orcid.org/0000-0003-1352-6637>

RESUMO: Educar se mostra como o processo de incluir indivíduos em um modo de ser já determinado pela historicidade, que por sua vez, faz com que os fenômenos se dêem a partir de um mundo compartilhado. Ora, partilhar mundo com os outros é vivenciar efetivamente processos educativos por meio dos contrapontos e desafios impostos pela relação com o diferente. A educação, como relação, quando não libertadora, demonstra estar permeada por inúmeros ideais moralizantes, que tendem a determinar maneiras de agir tão estritamente adequadas à normativa que enclausuram a liberdade para o fazer-se pessoa. Nessa direção, da mesma maneira que a história compõe possibilidades de conteúdos educativos, constitui-se também um entendimento do ato educativo – não inclusivo – como uma transgressão dos limites que garantem o poder construir-se pessoa a partir de seus afetos mais individuais. Assim, propõe-se neste trabalho um estudo que delineará, dentro dos seus limites, possibilidades de atuação que tornem as idéias da inclusão concretas na vivência de uma instituição de ensino superior; este estudo se dá em uma Faculdade de Tecnologia, tendo como

foco um aluno de 18 anos que é portador de esquizofrenia. Entendeu-se que incluir constrói uma compreensão de mundo que possibilita visualizar os espaços como casa coletiva, como morada de todos, considerando o movimento de constituição subjetivo; também que criticar e desconstruir o enclausuramento dos diferentes deve ser um esforço de todo aquele que presa a inclusão e vê nela melhores caminhos para a humanidade. O ato inclusivo expandiu suas fronteiras para o ensino superior, lugar muitas vezes destinado aos que se modelam no padrão capitalista, possuindo capacidade produtiva adequada ao ritmo contemporâneo; entendeu-se o ensino superior também educando para as relações, assim sendo, incluir mostra-se como um ato que transcende transmissão de conteúdos cognitivos, culminando também em uma educação para a vida.

PALAVRAS - CHAVE: educação; inclusão; esquizofrenia; psicologia educacional.

DIFFERENCE AS A FUNDAMENTAL CHARACTERISTICS: AN INCLUSIVE EDUCATION EXPERIENCE

ABSTRACT: Educating is shown as the process of including individuals in a way of being already determined by historicity, which, in turn, causes the phenomena to occur from a shared world. Now, sharing the world with others is effectively experiencing educational processes through the counterpoints and challenges imposed by the relationship with the different. Education, as a relationship, when not liberating, proves to be permeated by innumerable moralizing ideals, which tend to determine ways of acting so strictly

adequate to the norms that they enclose the freedom to become a person. In this direction, in the same way that history composes possibilities for educational content, an understanding of the educational act - non-inclusive - is also constituted as a transgression of the limits that guarantee the power to build a person from his most individual affections. Thus, this study proposes a study that will outline, within its limits, possibilities of action that make the ideas of inclusion concrete in the experience of a higher education institution; this study takes place at a Faculty of Technology, focusing on an 18-year-old student with schizophrenia. It was understood that including builds an understanding of the world that makes it possible to view spaces as a collective house, as everyone's home, considering the movement of subjective constitution; also that criticizing and deconstructing the confinement of the different must be an effort of everyone who takes inclusion and sees in it better paths for humanity. The inclusive act expanded its borders to higher education, a place often destined for those who model themselves in the capitalist pattern, possessing productive capacity adequate to the contemporary rhythm; higher education was also understood as educating for relationships, therefore, inclusion is shown as an act that transcends transmission of cognitive content, also culminating in an education for life.

KEYWORDS: education; inclusion; schizophrenia; educational psychology.

1 | INTRODUÇÃO

Mamãe vi um filhote de furacão, mas tão filhotinho ainda, tão pequeno ainda, que só fazia mesmo era rodar bem de leve três folhinhas na esquina...

Clarice Lispector

Esse pequeno escrito de Clarice, denominado “Futuro de uma delicadeza”, nos faz pensar no quanto gestos, que de imediato pequenos, podem se tornar devastadores como um furacão, avassaladores de maneira estrutural na vivência de cada um. É possível pensar que a exclusão se dê assim, em pequenos gestos, na falta de olhares, no fingir que não ouve aquele que diz, na invisibilidade, na violência velada, no riso de canto de boca, no balançar de cabeça reprovador... Não é preciso um gesto forte para ferir, pequenas delicadezas tem futuros potentes nos afetos dos que não podem ser parte de um mundo compartilhado, do mesmo modo, o contrário, atos inclusivos, podem também carregar grande força constitutiva dos sujeitos.

“O mundo é sempre projeção do humano, existe, conforma-se e limita-se pelo horizonte da existência humana” (BARIANI, 2018, p.34). Sendo assim, perceber que o mundo, na maioria das vezes, não é um espaço que possibilite a participação igualitária, e em liberdade, de todos, nos remete a pensar que o humano ainda não conseguiu perceber que a diversidade humana é uma realidade, e construir mundo apenas para alguns potencializa a marginalização, fator que gesta violências e sujeitos adoecidos. Estar junto, viver em comunidade – ou melhor, comum unidade – nos torna mais humanos, nos torna parte.

“O mundo recebe seu sentido, não apenas a partir das constituições de um sujeito solitário, mas do intercâmbio entre a pluralidade de constituições dos vários sujeitos existentes no mundo, realizando através do encontro que se estabelece entre eles” (FORGHIERI, 2012, p.19). Participam, pois, da construção do mundo também aqueles que são invisíveis? Podem eles também exercer suas exigências na modelação dos espaços de vivência comum?

A ciência também, por sua vez, procura uniformizar as coisas, pessoas, fenômenos, eventos, concepções, tempo, espaço, e tudo mais na tentativa de gerar igualdade nos desiguais, ela classifica os eventos e busca gerar noções lógico-causais do que se dá. (BARIANI, 2018) Assim, parece que experimentamos um mundo das uniformidades, e espaços que tendem a discriminar sujeitos a partir das tendências uniformes. Para tanto, incluir pode ser já entendido como transgredir. O que será transcrito aqui é uma transgressão, um corroer das estruturas base da normatividade que se dará por meio do relato de caso que, em seu fechamento, receberá contribuições teóricas de pensadores que amarram a atuação descrita.

2 | A EXPERIÊNCIA EM RELATOS

A experiência que dá conteúdo a esse relato teve início no segundo semestre de 2018 na Faculdade de Tecnologia de Catanduva (Fatec Catanduva). O aluno a ser acompanhado, bem como a instituição, receberam os serviços de um profissional de psicologia para potencializar seu processo de inclusão.

O aluno, que chamaremos de Eder, logo após o término do ensino médio foi aprovado no vestibular da faculdade em questão para cursar Gestão da Tecnologia da Informação no período noturno. Eder é diagnosticado com esquizofrenia desde o período em que estava no ensino médio. A fim de prover clareza, o fazer deste trabalho será descrito em eixos temáticos, questões que foram surgindo durante o fazer e de acordo com as pesquisas bibliográficas, que sempre foram presentes.

2.1 A quem se destina o espaço educacional público?

A família procurou a direção da instituição no início do ano letivo a fim de expor suas inseguranças em decorrência da chegada de Eder à faculdade, foram acolhidos, ouvidos e tiveram suas preocupações validadas. Um novo processo tinha início aqui, para todos.

Não é comum que se ouça sobre a participação da família no processo de adaptação do aluno já no ensino superior, é, para nossa noção de mundo sedimentada, tido inclusive como sinal de imaturidade e incapacidade do aluno caso o mesmo não possa lidar sozinho com as demandas apresentadas. Surge aqui o questionamento: pode a família estar presente no processo de adaptação do estudante? De maneira ampla, os alunos chegam à universidade em sua maioridade legal, ou muito próximos a ela, cabe então a equipe

docente e aos auxiliares contarem com alguma rede familiar de apoio para compor um processo de adaptação satisfatório?

A família então relata parte das dificuldades de Eder. Nesse primeiro momento ainda está se dando a busca por um tratamento adequado, a busca por um médico que possa dar um suporte satisfatório ao caso. Em nosso meio social ainda existe uma grande desinformação referente à saúde mental, e em muito isso dificulta o cuidado aos que sofrem.

Ora, se a inclusão diz respeito ao fato de poder permitir que todos participem do espaço comum, aqui, a família consegue ganhar, diante da instituição de ensino, o seu lugar de participação na adaptação do filho que acabara de iniciar um novo ciclo em sua vida. Inseguranças podem se mostrar, assim como conflitos e dificuldades de adaptação perante a mudança de cultura, ideias e condutas que o ensino superior apresenta diante do que já era rotina do aluno dentro do ensino médio. Me parece que a noção de maturidade que destinamos ao aluno ingressando no ensino superior nos impede de conceber a participação familiar em processos quaisquer que sejam; assim, partindo de uma postura crítica, damos início ao nosso trabalho inclusivo quebrando qualquer paradigma que possa nos impor a impossibilidade de construir com a família um acordo de trabalho para Eder.

Uma das ideias defendidas pela direção da instituição é de que locais públicos devem ser abertos ao público, não devemos restringir os corredores da faculdade aos que tenham o interesse de nela estar, a comunidade deve ter acesso ao espaço educacional público, destinado a todos. A família de Eder ganhar espaço em um local que também pode ser dela, não na sala de aula, mas em locais apropriados a sua presença e participação.

2.2 A importância da suspensão de preconceitos

Pela contribuição da fenomenologia hermenêutica, a primeira postura frente a proposta de trabalho foi a de suspender qualquer pré-concepção referente ao transtorno psiquiátrico carregado por Eder como um rótulo intransferível e permanente. É importante saber em que consiste a esquizofrenia, porém, essa visão nunca deve nos engessar na ideia de que suas condutas frente a esse novo ciclo sempre serão encapsuladas nesse padrão. Buscamos a liberdade, a individualidade frente ao todo determinado.

Quando Eder chega inúmeras indagações nos surgiam: como ele irá se relacionar com os outros? Ele conseguirá participar das aulas? Ele precisa de um cuidado constante ou é possível que quem o acompanha esteja disponível para ele fora da sala de aula? Essas questões todas nos mostram que a paciência é fundamental em qualquer trabalho que se faça relacionado ao humano, não deve existir pressa para fazer o fenômeno que o outro é se mostrar, devemos dar espaço e lugar para o outro ser, e a partir de seus movimentos construímos o caminho que seja o dele, as intervenções que sejam importantes a ele. Não há uma prática pronta, o fazer se faz no processo de “fazeção”.

Eder nos surpreende quando no primeiro semestre, por conta própria, ingressa

em um grupo para a apresentação de um trabalho e o faz junto com os seus. Havia a preocupação de que isso não acontecesse. Essa preocupação e a conseqüente surpresa, demonstra que nosso esforço para o não determinismo do outro a partir de seu diagnóstico deve ser constante, o nome rotulado delimita caminhos quase sempre e enquanto estivermos apegados ao diagnóstico não conseguiremos incluir com satisfatório sucesso. Deve-se construir um olhar que priorize a noção do vir-a-ser, do devir, deve-se entender que a existência de cada sujeito humano é um surpreender-se, um deparar-se com novos caminhos de ação em cada encontro humano.

2.3 O medo de ser incomum: a diferença ainda é um problema

O trabalho inicial foi construir com a família um vínculo, assim, vários encontros foram acontecendo no decorrer no semestre letivo entre mim e os pais do aluno.

No início de meu trabalho Eder não sabia que eu estava dentro da instituição para auxiliá-lo diretamente em suas dificuldades, ele nem mesmo sabia de seu diagnóstico¹, sua médica havia barrado a família de contar a ele contra o que vinham lutando. Assim sendo, pouquíssimas vezes eu estive com ele nesse período inicial.

Um dos medos mais exposto pela família relacionava-se ao fato de outras pessoas – alunos, sobretudo - terem acesso ao diagnóstico de Eder e assim passarem a agir de maneira hostil com o mesmo, além também de nutrir medo pelo fato de ter ao lado um esquizofrênico; existe em nossa cultura ocidental e em nossa sociedade contemporânea, ainda, uma visão pejorativa em relação ao doente mental. Durante meu trabalho ouvi de várias pessoas, e também de professores, o questionamento sobre a possibilidade de violência por parte de Eder, fato que em momento algum havia se mostrado dentro de sala de aula, essas questões portanto surgem de sedimentações das visões substancializadas da doença mental.

A família temia a disseminação do diagnóstico, e não para menos, para eles ainda era algo difícil de aceitar.

2.4 Com quem trabalha o profissional que busca incluir?

Como o diagnóstico ainda era algo não tematizado com o aluno, como também a família temia que meu contato o fizesse sentir-se diminuído ou incapaz, respeitei os limites colocados e segui atuando da maneira que me era possível. Durante o primeiro semestre estive junto da família, trabalhando acolhimento, tentando desmistificar preconceitos com a esquizofrenia (psicoeducação) e a partir disso construir um laço de confiança.

Eder, desde o primeiro surto, se tornou o foco de cuidado de sua família, e estava nítido para mim que sem o aval familiar não conseguiríamos levar o aluno a uma vivência livre e autônoma dentro da faculdade. Nesse início já havíamos conseguido estabelecer o foco, qualquer atuação teria como base fundamental a autonomia, queríamos possibilitar

¹ Essa temática poderia nos abrir outro âmbito de discussão que, infelizmente, não caberia nesse espaço. Porém, se faz importante pensarmos o quanto de prejuízo pode existir no fato do paciente, o sujeito principal da história, ter a autonomia de poder participar dos encaminhamentos de seu tratamento.

que Eder pudesse vivê-la, experimentá-la. Durante um longo tempo estive somente com a família, eu os recebia dentro da faculdade em uma sala preparada para nossa conversa particular e sigilosa, eu os permitia fazer parte, opinar, fazer presença, e aos poucos fui introduzindo a temática da liberdade e da autonomia para Eder, inúmeras foram as resistências que encontramos, e ainda hoje existem, porém, foi esse trabalho de cuidado com as demandas familiares que nos possibilitou que o aluno continuasse a frequentar a faculdade, pois a família sentia segurança no que estávamos fazendo ali, sentia confiança no cuidado que dispensávamos a Eder.

Durante meses precisei alimentar minha paciência, por vezes fiquei impedido de estar mais próximo do aluno, mas estive a todo momento envolvido em seu processo educacional e até mesmo em sua rotina de vida. Intervir no contexto de relação familiar de Eder construiu-se, para esse trabalho, um foco fundamental de atuação para seu processo de inclusão.

2.5 A atuação interdisciplinar e a importância da colaboração institucional

Como nunca fui terapeuta do aluno – pois sempre atuei com suas demandas de inclusão – a todo momento tive a preocupação de me manter em contato direto com sua terapeuta, essa troca enriqueceu nosso trabalho, que passou a se dar de maneira conjunta, a ser planejado e orientado pelo nosso olhar compartilhado.

Também busquei contato com a psiquiatra de Eder, principalmente durante um período em que seus surtos tornaram-se mais recorrentes e o aumento da medicação gerou uma lentidão tremenda, característica do uso de anti-psicóticos. Esse contato não foi frutífero, encontrei certa indiferença por parte da médica diante de meu pedido por algum outro manejo que não prejudicasse tanto a interação e a autonomia do aluno.

E ressalto aqui um dos fatores mais importantes para meu trabalho, encontrei junto a instituição em questão uma equipe de coordenação e direção ² inteiramente engajada e preocupada com o trabalho a ser realizado com Eder, sempre muito solícitos e totalmente abertos aos meus apontamentos, fizeram com que muitas das dificuldades se tornassem pequenos obstáculos a serem ultrapassados. A intervenção junto aos professores também foi extremamente facilitada diante da abertura antes instalada pela coordenação do curso no qual Eder estava inserido. Quando a instituição não se engaja as ações tornam-se tensões, guerras, comparação de poder; apenas uma pessoa tem tudo a perder com isso: o(s) aluno(s).

2 Não posso deixar de destacar os nomes de Rosimar de Fátima Schinelo e Marco Antônio De Grande, profissionais de extremo respeito que prontamente se dispuseram a construir caminhos de trabalho junto a mim. Sem eles, nada teria conseguido se dar de maneira tão pontual e efetiva.

2.6 A importância de ser comum

Discutindo as demandas do caso em questão, decidimos que eu estaria dentro da faculdade, mas não estaria em sala de aula com o aluno, sempre buscamos construir um espaço comum de relação, sempre trabalhamos para que Eder fosse “apenas mais um aluno” diante do vasto número de alunos dentro da instituição. A experiência da liberdade, de poder esperar sozinho que seus pais viessem buscá-lo, de poder escolher o lugar que ficaria durante o tempo que estivesse na faculdade, trabalhamos para que isso pudesse acontecer - embora constantemente a família exercesse influência sobre a forma que Eder construía sua rotina. Ao passo que permitíamos que a família participasse do espaço, buscávamos proteger o espaço de Eder para que não houvesse invasão e rompimento do poder-fazer livre de imposições.

Eder não era esquizofrênico, não era doente, era um aluno que por vezes demandava um cuidado individual mais delicado, fato que inclusive não o diferencia dos demais. Durante muito trabalhei para que os professores pudessem compreender que não deveriam ter uma maneira infantilizada de falar com Eder, que não deveria usar de vias mais simples subestimando sua capacidade cognitiva, sempre foi possível perceber sua possibilidade de compreensão, portanto, trabalhei junto com a coordenação para que em momento algum ele fosse tido como incapaz, mas sim como um aluno comum que, em alguns momentos, demandava de intervenções pedagógicas particulares. Ora, isso já não é feito em sala de aula em seu ritmo comum?

O mundo é um lugar de diferenças comuns, não de normalidades.

2.7 As aberturas construídas por esse trabalho

Muitas de minhas intervenções com a família – em sintonia com a terapeuta – tinham focos que transcendiam as paredes da faculdade, iam muito além disso. Ações como ir ao mercado, poder caminhar na rua sozinho, pegar ônibus, etc. ainda eram atividades difíceis de aceitar por parte dos pais pelo fato de sua insegurança e medo da fragilidade e da incapacidade de Eder por conta da vivência da esquizofrenia. Por seu sobrepeso inúmeros problemas apareceram, por isso, em várias situações intensifiquei a potência de minhas intervenções diante da organização de uma rotina que permitisse a Eder movimentar-se pelo mundo e não apenas permanecer em casa, muitos foram os impedimentos da família mas, com o tempo, pai e filho ingressaram em atividades dentro do SESC para criar uma melhor rotina de saúde.

O CAPS II também foi uma das minhas prescrições para a família, eles prontamente rejeitaram pois entendiam que Eder não poderia conviver com pessoas comprometidas pela doença mental pois assim ele iria piorar seu quadro. Eu havia encaminhado para potencializar sua interação social e possibilitar formas do mundo solicitá-lo a se mover e a criar vínculos diversos. Meses depois, também por prescrição da psiquiatra, Eder passou a frequentar o CAPS II e participar das oficinas que aconteciam lá. As atividades

foram temporariamente suspensas por conta da pandemia, mas já é algo presente no planejamento terapêutico frente a questão.

Após ingressar na faculdade, e antes de uma mudança brusca - que coincidiu com a troca de medicação - Eder havia , segundo relatos da família, se tornado mais comunicativo dentro de casa.

Existem inúmeros detalhes que poderiam compor esse relato também, porém avalio inviável a descrição pormenorizada de cada evento. O que descrevi aqui foi o que intuí ser o mais importante e fundamental para a compreensão do processo ao qual estive exposto, e poderia dizer “estivemos” por considerar um número grande de pessoas que colaboraram com a construção desta minha experiência.

3 I PEQUENAS ARTICULAÇÕES TEÓRICAS

3.1 Educação: historicidade e relações humanas

Entender como o humano se constitui humano é fundamental para compreender processos educativos em geral. Dentre as várias concepções da formação humana, de sua forma de estar no mundo, neste estudo buscamos compreender a construção dos modos de ser a partir dos atravessamentos históricos que perfazem os modos de comportamento e, sobretudo, os modos de percepção de mundo de cada sujeito. Pensar um humano encapsulado no seu presente apenas nega sua performance temporal que unifica, historicamente, suas vivências passadas e suas projeções de futuro nas ações do agora. (FEIJOO, 2011)

O humano vai se dando pela absorção em um horizonte histórico já constituído, criando espaço para que cada indivíduo vá estruturando sua subjetividade em uma relação com essa história da qual ele mesmo passa a fazer parte. Afirma-se, com base nisso, que ser sujeito é, inevitavelmente, ser histórico.

O grande pensador brasileiro, Paulo Freire (1997) coloca como uma das temáticas de seu pensar o caráter inconcluso da condição humana, considera cada existência como um projeto em construção. Dialogando com a psicologia existencialista, intersecções entre modos de pensar aparecem na possibilidade de compreender o “ser” , o humano, a subjetividade, como um processo de vir-a-ser que não se vê, nunca, acabado em sua forma performática de constituição. (CABRAL, 2018; FEIJOO, 2011; FORGHIERI, 2012)

Ora, somos projeto, temos esse caráter inconcluso e, portanto, caracterizamos-nos como entes que constituem existência como um vir-a-ser pela inevitável condição ontológica de liberdade e indeterminação. Somos indeterminados, e por sermos assim aderimos às determinações historicamente dadas no seio de cada encontro humano, cada relação intersubjetiva. Partindo daqui, nos chama a atenção a noção de Paulo Freire (1977) de que educar é dar humanidade ao humano, é assim a única forma de nos construirmos

como existentes, é a partir dos processos formativos que vivenciamos por meio de nossas relações no interior de um mundo que é, sempre, histórico e relacional.

Nesse entendimento, não é possível uma formação que não seja também uma forma de humanização (PENA; NUNES; KRAMER, 2018), educar é produzir saber para viver em um mundo humano. Para Paulo Freire (1977, p.81) “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquietada, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” Educar é fazer crescer a busca pelo mundo, é reinventar as vivências e as relações.

A humanização se dá pelo processo educativo, e busca-se entender aqui educação não somente como a ação que se dá dentro dos muros ou dos prédios escolares e/ou acadêmicos, pois a construção de conhecimento se dá através da interação do sujeito historicamente situado com o ambiente sociocultural onde vive. Assim, educar seria o ato que implica um constante desvelamento do mundo para aquele que aprende. (FREIRE, 1977)

Em Vygotsky entendemos que “construir conhecimento decorre de uma ação partilhada, que implica num processo de mediação entre sujeitos. Nessa perspectiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem” (MARQUES; MARQUES, 2006, p.4), assim sendo, não há como fazer educação, como construir processos formativos, fora da relação intersubjetiva (PENA; NUNES; KRAMER, 2018). Portanto, a educação que defende-se aqui vai implicar na negação do entendimento do sujeito sendo um ser abstrato, isolado, solto, que não se liga ao mundo em que vive, assim como também vai negar o entendimento do mundo sendo um espaço isolado dos sujeitos (FREIRE, 1977). Traça-se o entendimento do processo educativo, do aprender, da humanização do humano se dando pela relação com o mundo em que se vive, ou seja, com o outro, com o diferente. Educar, dessa forma, implica em estar inserido em um espaço social específico que estabelece compreensões específicas de mundo, seja esse espaço a escola ou qualquer outro campo social. Assim, fica claro que, “enquanto veiculador da cultura o meio se constitui como fonte de conhecimento.” (MARQUES; MARQUES, p.3)

O processo educativo, que preza pela autonomia e liberdade do educando, vai levar o educador a produzir uma contraposição de ideias frente à vivência deste aprendiz. Entende-se, nesse sentido, que posicionamentos diferentes produzem busca por novas criações de mundo e de entendimento, novas formas de ver uma mesma situação. A educação, de maneira autêntica, vai propor uma reflexão sobre os homens e suas relações com o mundo (FREIRE, 1977, p.98), afinal, o homem não pode existir sem mundo, ele não existe separado do mundo (POMPEIA, 2011).

Educar transcende o ensinamento de matérias restritas aos cálculos ou a linguagem, educar, portanto, é, também, incentivar a busca por novas maneiras de vivenciar o mundo compartilhado, incentivo alicerçado na relação interpessoal, no contato com o diferente. Dialogar com o oposto é educativo, e por esse fato aqui defendido é que, além do processo

de aprender a grade curricular, trabalhamos para que Eder pudesse estar inserido em meios comuns, para que a partir disso ele pudesse encontrar ali novos horizontes para seu modo de lidar com o mundo ao seu redor. Deve-se valorizar uma visão transversal, que busca a negação das exclusividades de olhares lineares, definidos. (STRIEDER; NOGARO, 2016)

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ora, por fim, delinear visões sobre qualquer processo educativo que se diga inclusivo nos obriga a pensar a diferença como a única característica humana, detalhe fundamental para o profissional que se lança nessa empreitada. Estamos tratando de um humano complexo, envolto por inúmeras variáveis que interferem diretamente em seu caminho de constituição como pessoa. No decorrer do processo histórico desenvolve-se inúmeras terminologias, significados, que enquadram determinados sujeitos dentro de papéis específicos de invalidez, a partir de suas características distintas da normativa padrão estrutura-se um fortalecimento da discriminação e do preconceito. A construção, portanto, de espaços que sejam minimamente, de início, inclusivos, requer a negação de maneira veemente dessas determinações normativas como uma verdade absoluta em relação ao humano.

A ideia de um padrão, de uma norma específica ao corpo, está diretamente vinculado ao poder que as determinações científicas vêm tendo sobre nossas concepções do ideal dos modos-de-ser. Pensar, portanto, em um processo educacional que inclua a todos requer pensar em espaços que não sejam construídos apenas para sujeitos normalizados pela tradição moralizante da subjetividade e do corpo.

“Mais profundamente, são as representações, variáveis segundo as sociedades e as épocas, que constroem as realidades e que, de certa maneira, fazem a deficiência. Nesse sentido, as palavras fazem as coisas” (PLAISANCE, 2010, p.24). A construção de espaços que incluam os que sejam diferentes da normativa estabelecida pelos discursos moralmente tidos como adequados, requer inevitavelmente que se estabeleça uma nova linguagem, uma nova percepção dos sujeitos, um novo significado àqueles que, por serem humanos, fazem uso irrestrito de seu caráter de ser único, que se expressa pelo corpo, pelos afetos, pelas palavras ou por qualquer outro meio possível de expressão. Não queremos apenas a modificação dos espaços, queremos pôr em crise os modos de significação, e, portanto, de adequação daqueles que são determinados diferentes à normativa.

Ressalta-se que não se trata apenas de incluir sujeitos que tenham alguma deficiência motora, por exemplo, mas defende-se que a inclusão se dê a todo indivíduo que apresente qualquer característica pessoal; como todo sujeito é único, tem sua subjetividade estruturada pela sua vivência histórica pessoal, busca-se significações que considerem tais particularidades.

Busca-se a mudança deste discurso constituído pela norma pelo fato deste

potencializar a inferiorização dos excluídos, daqueles colocados à margem. As identidades negativas são reflexo do preconceito que existe em nossas relações sociais, por fim, as vítimas acabam por comportarem-se da maneira como essa imagem constituída determina, o que reforça a exclusão e o reforço desta linguagem preconceituosa. Em outras palavras, se nossos modos de ser são possibilitados pelas articulações históricas e pelos discursos que nos apresentam um mundo específico, os diferentes vivenciam suas relações a partir de uma noção que os substancializa como não merecedores de espaços comuns visto sua diferença da norma.

“O reconhecimento e o respeito pela diversidade é mais do que um simples ato de tolerância, é a afirmação de que a vida se amplia e se enriquece pela pluralidade” (MARQUES; MARQUES, 2006, p.12). Devemos trazer ao convívio comum aqueles que encontram-se isolados das relações humanas em seu formato mais plural e coletivo; reinserção social é enriquecimento do processo educativo, sujeitos excluídos tornam-se pedagogicamente mais empobrecidos em seu repertório de conhecimento de mundo e, além disso, vivem em um anonimato social. Trabalhar noções de inclusão potencializa os modelos de compreensão de mundo, além de dar aos sujeitos, antes isolados, campo para relação comum dentro dos espaços sociais pluralizados pelas subjetividades.

Ora, vai se tornando cada vez mais evidente o caráter estético da segregação bem como a funcionalidade adequada aos padrões de produção modernos, que se estabelecem no cerne das relações nos mais diversos espaços sociais. Se nossas relações são constitutivas de nossos modos de ser; se nossas possibilidades de vida orientam nossa liberdade e autonomia; como se dá a subjetividade de sujeitos isolados da possibilidade de uma partilha de espaços comuns de mundo com outros sujeitos? O isolamento enclausura, solidifica a solidão, e, além disso, integrar apenas para compor o espaço aparentemente coletivo torna mais tênue a linha que delimita lugares de valor e desvalor; devemos pôr em crise esse modelo sedimentado de padronização do humano, só assim poderemos, em passos pequenos, construir uma sociedade que não se espante com a partilha dos espaços coletivos com aqueles que não cedem ao padrão *ortopédico*³ de conserto das existências, dos corpos, dos afetos, do estético. Ainda somos uma sociedade substancializada pelo medo de acolher a diferença e entender que, embora espante de início, a vida não é em si determinada por aspectos construídos por uma elite burguesa e branca convencida de sua força normatizadora sobre a sociedade plural que temos e somos.

É preciso uma ética para a liberdade. Ética, em Heidegger, diz respeito a casa, morada, segurança (POMPEIA, 2011); precisamos de uma ética da organização dos espaços comuns que seja fiel a sua etimologia do *ethos*, ou seja, o lugar onde se habita. Precisamos que todos possam habitar de maneira a sentir que o mundo é sua casa, a habitação que o recebe independente de sua não-padronização. O que se quer dizer: se

3 Conceito usado por Cabral (2018) para designar a maneira como existências tendem a ser consertadas, reafirmadas em seu lugar de determinação sempre que tendem a extrapolar os limites já estabelecidos, limitando as fronteiras para os modos de ser.

espaços educativos educam para o mundo, muda-los deve estar diretamente ligado ao fato de prover mudanças nas relações que se dão no mundo, na escola, em casa, nas ruas, no trabalho... Escola é mundo, sala de aula é vida.

REFERÊNCIAS

BARIANI, Edson. **O Labirinto de dédalos: a idéia de mundo como horizonte da existência humana**. Curitiba: CRV, 2018.

CABRAL, Alexandre Marques. **Psicologia pós-identitária: da resistência existencial à crítica das matrizes cristãs da psicologia clínica moderna**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos existenciais**. 1. Ed - Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita, 2011.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MARQUES, Carlos Alberto; MARQUES, Luciana Pacheco. **Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre Educação**. Em: Anais da 29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu-MG. 2006. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt13-1661-int.pdf>

NOGARO, Arnaldo; STRIEDER, Roque. **No controlverso desafio da educação inclusiva: um convite para pensar a complexidade humana**. Revista Portuguesa de Educação, 29(1), p. 51-73. 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/rpe.8799/7109>

PENA, Alexandra Coelho; NUNES, Maria Fernanda Rezende; KRAMER, Sonia. **Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber**. Educação em Revista. n.34, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/edur/v34/en_1982-6621-edur-34-e172870.pdf

PLAISANCE, Eric. Trad. MACHADO, Fernanda Murad. Ética e inclusão. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 139, p.13-43, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a02.pdf>

POMPEIA, João Augusto. **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

RODRIGUES, David (org). **Doze olhares sobre educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alunos 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 34, 49, 51, 52, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 93, 94, 96, 100, 104, 105, 106, 107, 109, 113, 114, 117, 118, 119, 123, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 140, 141, 157, 158, 159, 160, 163, 170, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 259, 273, 274, 275, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 287, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 303, 309, 310, 311, 312, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 326

Avaliação 6, 8, 4, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 49, 51, 103, 119, 120, 121, 123, 146, 153, 155, 159, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 205, 207, 215, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 239, 252, 275, 284, 285, 294, 304, 308

Avaliação Diagnóstica 8, 4, 177, 179, 183, 184, 185, 187

Avaliação Escolar 8, 15, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 189, 190, 191

C

Currículo 20, 23, 27, 46, 47, 56, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 100, 104, 106, 111, 182, 183, 189, 192, 194, 196, 197, 202, 208, 211, 217, 274, 309, 310, 320, 321, 324, 325, 326

D

Deficiência Intelectual 7, 83, 114, 125, 127, 129, 202, 244, 303

Desigualdades Educacionais 9, 233, 238

Diferença 6, 11, 19, 23, 25, 27, 28, 32, 37, 38, 57, 118, 173, 179, 194, 225, 227, 228, 229, 236, 238, 262, 325, 332

Direitos Humanos 9, 123, 145, 166, 201, 208, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 277, 326, 334

Direito social 6, 40, 47, 48, 268

E

Educação Básica 1, 2, 11, 13, 40, 48, 49, 50, 51, 53, 56, 64, 79, 80, 86, 87, 93, 95, 98, 114, 117, 118, 122, 177, 179, 180, 181, 188, 244, 274, 306, 320, 328, 334

Educação de órfãos 6, 65, 70, 75

Educação Inclusiva 6, 9, 18, 23, 26, 28, 39, 51, 55, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 93, 94, 99, 100, 117, 118, 122, 123, 124, 126, 132, 167, 171, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 214, 215, 216, 217, 230, 232, 244, 246, 259, 273, 274, 278, 302, 304, 305, 307, 312, 314, 315, 320, 325

Educação Infantil 9, 22, 48, 49, 50, 83, 87, 88, 95, 140, 179, 233, 237, 241, 242, 246, 247, 254, 302, 318

Enem 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Ensino Híbrido 4, 11

Ensino Superior 7, 10, 3, 28, 30, 31, 45, 46, 51, 52, 112, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 191, 202, 209, 212, 232, 259, 265, 287, 288, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 320, 321, 322

Escola Pública 7, 3, 10, 42, 101, 108, 157, 246, 247, 274, 275

Escolas Comuns 6, 15, 199

Estabelecimentos Prisionais 208, 211

I

Instrumentos Avaliativos 6, 15, 16, 19, 23, 25

L

Legislação 10, 17, 41, 42, 49, 66, 74, 79, 90, 91, 93, 98, 110, 118, 160, 163, 168, 232, 260, 279, 281, 298, 302, 314, 322

Linguagem Adaptativa 7, 90, 91, 93, 95, 97, 98

M

Materiais Didáticos 9, 199, 214, 217, 225, 226, 227, 230

Mediação 9, 11, 26, 27, 36, 82, 91, 108, 111, 123, 124, 157, 158, 161, 163, 165, 188, 201, 244, 246, 247, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 282, 290, 299, 304

P

Perspectiva Histórico-Cultural 7, 125, 128, 129, 130, 131

Pessoa com Deficiência 6, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 90, 91, 92, 95, 100, 119, 120, 121, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 176, 230, 274, 279, 302, 304, 311, 312, 316, 318, 326

Processo de aprendizagem 6, 11, 15, 16, 17, 18, 84, 179, 185, 187, 200, 233, 234, 244

Processo de Inclusão 7, 9, 18, 30, 33, 86, 90, 91, 93, 97, 114, 172, 201, 202, 244, 273, 281, 309, 314, 315, 322

Produção de conhecimento 9, 58, 145, 148, 280, 281, 287, 298

Proteção Escolar 8, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

R

Recursos Multifuncionais 9, 199, 200, 201, 202, 273, 275, 278

S

Sala de Recursos 8, 9, 190, 191, 194, 199, 200, 201, 202, 273, 274, 275, 278, 279, 328, 329, 332

Saúde mental 7, 31, 133, 134, 137, 139, 142, 143

Sexualidade 5, 7, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 299, 334

Síndrome de Asperger 9, 89, 244, 246, 247, 248, 255, 258, 259, 304, 311

Síndrome de Down 10, 314, 315, 321, 322, 324, 325, 326

Surdos 6, 9, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 99, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 280, 281, 284, 287, 291, 294, 298, 299, 300, 319

T

Transgressão 7, 28, 30, 133, 135, 142

Transtorno do Espectro Autista 7, 10, 78, 83, 86, 87, 167, 176, 244, 248, 274, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 312

Tutelados 6, 65, 66, 67, 69, 70, 75

Tutores 6, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 75, 76

V

Vygotsky 36, 39, 83, 89, 91, 92, 93, 95, 100, 176, 258, 259, 313

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br